

**TEXTO LITERÁRIO: NOVOS OLHARES E NOVAS  
POSSIBILIDADES DE LEITURA NO CONTO  
“A VENDEDORA DE FÓSFOROS”**

*Francivete Lopes Barroso (UFAC)*  
[francivete2010@hotmail.com](mailto:francivete2010@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo, apresentar uma análise da obra “A vendedora de fósforo”, uma adaptação de Pedro Bandeira de um conto escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen. Procura sugerir ao professor maneiras possíveis de analisar o texto literário na escola, novas leituras e possibilidades de interpretações, de forma a contribuir com o letramento dos alunos, considerando para tal ação as três forças da literatura indicadas por Roland Barthes, que ele apresenta sob três conceitos gregos: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*. A fruição da leitura literária, além de apresentar um vasto campo para aprendizagem, atua como uma forma de reflexão entre o sujeito leitor e o personagem apresentado, mostrando experiência do outro, dos valores políticos, culturais, éticos e religiosos, levando sempre em conta o poder do letramento literário como prática social. O texto literário é plurissignificativo, interage com as palavras, constrói significados. Esse processo de construção requer liberdade de criação em que o signo linguístico se transforma em signo literário, e as coisas e os seres ganham nova forma e sentido. A análise de um texto literário deve enfatizar aspectos relevantes presentes nas obras, segundo Barthes (2007, p. 17) “A literatura assume muitos saberes” e isto significa que estar embutido nos estudos literário, os saberes históricos, sociais, culturais, psicológicos, geográficos, técnicos e todas as outras ciências. Dessa forma, esperamos oferecer contribuições nesse sentido, atividade que envolve as práticas de letramento literário, atrelado à leitura e a escrita como fator fundamental para que todo o processo aconteça.

**Palavras-chave:**

**Novos olhares. Texto literário. Forças da literatura.**

O ensino de literatura nas escolas têm enfrentado desafios e barreiras cotidianamente, quer pela dificuldade de desenvolver o gosto pela leitura do texto literário, em alunos originários das mais diversas realidades sociais e culturais, a metodologia deficitária empregada pela maioria dos professores, que não alcançam a atenção dos alunos, além da própria instituição que não consegue oferecer uma prática de ensino significativa para o trabalho com os textos literários nas escolas.

O grande obstáculo começa pelo aluno, que em meios a tantas opções de entretenimento, de leituras diversas e outras atividades midiáticas preponderantes atualmente, não apresenta nenhuma afinidade com os textos

literários, o que dificulta a introdução desse gênero na sala de aula.

Desenvolver o interesse dos alunos no estudo de literatura requer muito mais do que apenas levar um fragmento de um texto para ser lido silenciosamente e interpretado superficialmente, a leitura do texto literário vai além, deve produzir inquietações e questionamentos, criar e modificar a realidade vivida através da linguagem, da palavra e da liberdade de imaginação.

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2014, p. 16)

Essa realidade é ainda mais intensa quando se observa o material didático utilizado pelos professores, recheados de fragmentos de obras, características de movimentos literários, resumos e biografias de autores, nos mostra uma proposta de trabalho voltada simplesmente para os aspectos históricos, deixando de lado o verdadeiro papel humanizador que o texto literário deve exercer.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos, e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 1995, p.186)

Ao analisarmos o ensino de literatura realizado no ensino fundamental II, a realidade é ainda mais tocante, pois se observa que em meios a tantos gêneros propostos para este nível, o texto literário tem sempre um lugar secundário diante dos demais gêneros, considerados mais importantes ou de utilidades, dessa forma a lacuna deixada no ensino de literatura nessa etapa é bastante visível.

O conteúdo da disciplina Literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes, os seriados de TV e outros produtos culturais, com a justificativa de que em um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com muito mais intensidade do que a escrita, não há por que insistir na leitura de textos literários. (COSSON, 2014. p. 22)

A linguagem literária, assim como todas as formas de expressão, nos permite expressar pensamentos e sentimentos através do tempo. Em uma sociedade onde a leitura e escrita é fator essencial de sobrevivência não se pode negar o poder que ela exerce sobre nós e sua função na transformação de sujeito ativo e participante.

Solé (1998, p. 32) salienta que o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Chama atenção para o tipo de leitura que se deve realizar, e a importância de uma boa leitura para compreensão.

Considerando que a literatura não só abre novos horizontes de aprendizagens como também nos ensina por meio de experiências concretizadas, dando-nos a possibilidade de envolver o mundo que nos cerca, ela se torna ponto crucial no desenvolvimento de um estudo mais significativo e, portanto precisa manter seu lugar de destaque no ensino da língua, para que assim possa cumprir seu papel de transformação e humanização. Dessa forma:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmo. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que o conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2014, p.17)

Partindo do pressuposto de que um texto literário dialoga com muitos outros textos, e é plurissignificativo, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise da obra “Avendedorora de fósforo”, uma adaptação de Pedro Bandeira de um conto escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen. Procura sugerir ao professor maneiras possíveis de analisar o texto literário na escola, novas leituras e possibilidades de interpretações, de forma a contribuir com o letramento dos alunos, considerando para tal ação as três forças da literatura indicadas por Barthes, que ele apresenta sob três conceitos gregos: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*.

O ensino de literatura nas escolas proporciona reflexões e aprendizagens, leva o indivíduo a construir sua relação com a humanidade, viaja pelas diversidades, culturas e falares que nenhum outro tipo de texto pode lhe proporcionar, uma vez que o texto literário é aberto à variação de linguagens, imaginação e criatividade, o leitor sente-se livre para interpretar e

viver a sua realidade.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. (COSSON, 2014, p. 120)

A fruição da leitura, além de apresentar um vasto campo para aprendizagem, atua como uma forma de reflexão entre o sujeito leitor e o personagem apresentado, mostrando experiência do outro, dos valores políticos, culturais, éticos e religiosos, levando sempre em conta o poder do letramento literário como prática social.

A análise de um texto literário deve enfatizar aspectos relevantes presentes nas obras, segundo Barthes (2007, p. 17), “A literatura assume muitos saberes” e isto significa que estar embutido nos estudos literário, os saberes históricos, sociais, culturais, psicológicos, geográficos, técnicos e todas as outras ciências. Nesse sentido, Barthes (2007, p. 18), esclarece “que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”. O autor ora citado vem chamar de *mathesis*, o poder da literatura de dialogar com as várias ciências, possibilitando um trabalho interdisciplinar nas escolas. Cosson (2014, p 20), completa o pensamento na expressão de que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”.

Barthes (2007, p. 18), acrescenta ainda que “a literatura trabalha nos interstícios da ciência”, e os saberes por ela enfatizados são mobilizados dinamicamente através da linguagem, das palavras e da reflexividade.

Entendo por literatura não um copo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas um grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso, portanto, dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. (BARTHES, 2007, p. 16)

De acordo com Barthes (2007, p. 21), “a segunda força da literatura é a força da representação”. Os poetas desejam intensamente representar o real, que Barthes coloca com o conceito de “*Mimesis*”, no qual alguns acreditam ser “uma teimosia de representar o real”.

Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representado, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – pode ser dito de vários modos: quer o definamos, com Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca quer render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura. (BARTHES, 2007, p. 22)

A literatura tem o real como elemento de desejo, no entanto com a consciência de que esse real, não é real. Segundo Barthes (2007, p.22) “[...] a literatura é categoricamente realista, na medida em que tem o real como objeto de desejo; [...] emprego a palavra em sua acepção familiar, que ela é também obstinadamente: irrealista; ela acredita sensato o desejo do impossível”.

A literatura produz questionamentos, inquietações, faz relação com a vida do leitor, abre caminhos para interpretação e reflexão, além de trabalhar a humanização. Conforme Todorov (2009, p. 23), “Mas densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. E dessa forma o trabalho com o texto literário busca retratar as relações humanas.

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. (TODOROV, 2009, p. 77).

A terceira força da literatura apresentada por Barthes (2007, p. 27), de caráter propriamente semiótica, incide em “jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas”. Diz respeito ao jogo das palavras, ou seja, diferentes procedimentos que o escritor utiliza para criar os efeitos de sentidos no texto, o trabalho com a forma e o conteúdo, “Semiosis”.

A literatura e a semiologia acabam assim por conjugar-se e por corrigir-se uma a outra. Por um lado, a volta incessante ao texto, antigo ou moderno,

o mergulho regular na mais complexa das práticas significantes, isto é, a escritura (já que ela se opera a partir de signos prontos), obrigam a semiologia a trabalhar sobre as diferenças e impedem-na de dogmatizar, de “pegar” – de tornar-se pelo discurso universal que ela não é. (BARTHES, 2007, p. 34)

O texto literário é plurissignificativo, interage com as palavras, constrói significados. Esse processo de construção requer liberdade de criação em que o signo linguístico se transforma em signo literário, e as coisas e os seres ganham nova forma e sentido. Segundo Lajolo (2001, p. 35), a literatura pode “ser entendida como uma situação especial de uso da linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome e, no limite, a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser”.

O texto de Hans Christian Andersen “A vendedora de fósforo” nos conta a história de uma criança que em pleno período de inverno na Europa sai caminhando pelas ruas, na noite de ano novo, vendendo fósforos para comprar algo de comer, depois de muito sofrimento causado pela fome e pelo frio, começa a delirar e ter sonhos maravilhosos a cada vez que acende um palito de fósforo. Ela imagina lugares quentinhos e com muita comida a disposição, uma ceia farta com deliciosas guloseimas e pratos belíssimos, e toda vez que o fósforo se apaga tudo volta a realidade. De família humilde e desestruturada, a personagem se dá conta de que tudo é apenas um sonho, então ela vai acendendo os fósforos, um por um, se desespera portanto, depois de todos os palitos terem sido apagados juntamente com os desejos que nunca foram realizados e sonhos inalcançáveis, a protagonista acende os últimos palitos e faz um pedido inusitado: ser levada por sua avó que já havia falecido há muito tempo, representando a única pessoa boa em sua vida, dessa forma, ela é levada nos braços por este ser de bom coração que a tira do sofrimento desta terra.

Em relação aos elementos estruturais do texto, a obra apresenta um narrador heterodiegético, ou seja, aquele que conta e conhece a história, mas não participa como personagem, sabe tudo, dá palpites e escolhe pistas para dissimular os conhecimentos do leitor, como se pode constatar nas seguintes expressões, onde ele expõe os sentimentos e sensações da personagem: “Faminta, tremendo de frio, a pobrezinha olhava as janelas iluminadas nas casas [...]”; “Lá de dentro, vinha um delicioso aroma de ganso assado e seu pequeno estômago retorcia-se de fome”. O narrador encaminha o leitor, dando pistas do final “infeliz” da personagem: “Isso é sinal de que alguém vai morrer... pensou a menina, lembrando-se de sua querida avó, a única

peessoa neste mundo que lhe quisera bem”.

A personagem apresentada na obra nos mostra uma menina pobre, carente, de família desestruturada. Necessitada não só de recursos materiais, como também de afeto e cuidados. No trecho: “Sozinha, naquela noite de inverno rigoroso, andava pelas ruas uma garotinha pobre, descalça, com a cabecinha descoberta”, a cena nos revela a realidade de uma criança triste e sozinha, representando milhões de outros sujeitos que vivem essa mesma situação de descaso. A menina para suportar a falta de recursos materiais e afetivos passa a imaginar situações e coisas boas na sua vida, assim como muitos outros seres humanos desprovidos economicamente e afetivamente vivem de sonhos e fantasias.

A fantasia, em definitivo, é um elemento que perpassa a narração sobre o que é aceito como norma do mundo real, e é esta presença cotidiana subjacente que permite entendê-la, ainda que seja nas formas de experimentação sobre a inter-relação e a ambiguidade entre os dois planos, [...] (COLOMER, 2003, p. 71)

O espaço onde acontece a narrativa ajuda a construir a personagem, um cenário de frio, escuridão, nas ruas de uma cidade movimentada, aponta para uma realidade de miséria e solidão que acompanha a personagem, o autor enfatiza e centra o texto na falta de realização emocional e material, que pode ser confirmado com elementos do texto, nas expressões: “Com seus pezinhos nus, roxos de frio, enterrando-se enregelados na neve fofa das calçadas, a menina vagava, carregando caixinhas de fósforos num bolso de seu avental remendado”. Esses elementos que compõe o espaço e a personagem despertam no leitor o interesse de posicionar-se diante das injustiças sociais, de ser mais crítico e atuante, trabalhando principalmente o lado emocional do sujeito. O cenário, no caso da obra em análise é tão importante que se torna um vilão para a protagonista, pois o espaço frio e nevado leva a morte da personagem, “[...] na Dinamarca, lá no norte gelado do mundo”.

O plano do enunciado gira em torno de uma noite, pois o autor relata os fatos iniciando pela expressão: “Era noite de Ano Novo, na Dinamarca, lá no norte gelado do mundo”, e continua a descrever as ações da trama que acontece durante toda madrugada, construindo um texto sensacional e tocante, e finaliza o enredo com a descrição da morte da personagem. O que leva-nos a entender que os fatos desenrolaram-se durante esse período.

O enredo é construído de forma que os fatos relatados procuram

mostrar e denunciar a triste realidade de uma época, com muitos detalhes, frisando sempre a situação de pobreza e carência de uma criança, fato este que comove e envolve o leitor. Inicia o texto destacando a situação climática da noite em que a história é narrada, “frio, neve, inverno rigoroso”, e continua todo texto com expressões sugestivas de morte, “pezinhos nus; roxos de frio; enterrando-se, enregelados na neve fofa das calçadas”. Que se confirma no final, com a morte da pequena vendedora de fósforo: “Ergueu a menina nos braços e as duas voaram felizes, para as alturas, onde não havia frio nem fome, nem apreensões. Voaram para junto de Deus...”.

A história acaba de maneira trágica para uma grande parte de leitores, que sempre esperam que os contos devam seguir tradicional final feliz da maioria dos clássicos. Final bastante surpreendente, pois Andersen consegue quebrar os modelos tradicionais de contos da época, em que o protagonista sempre acabava resolvendo todos os conflitos da trama, onde a princesa é salva pelo príncipe, o bandido é punido, sendo o final feliz considerado uma marca habitual.

O inusitado final da história mexe com o imaginário da maioria dos leitores, que além de esperar que algo extraordinário venha acontecer para tirar o sofrimento da protagonista, no caso a criança, que sofre todos os tipos de injustiças. Por a história se passar exatamente na virada do ano, a expectativa por final feliz cresce, com a sugestiva expressão “noite de ano novo” que para maioria das pessoas está relacionada com sentimento de felicidade, esperança, renascimento, o leitor acredita que alguém ou algo mágico salve a vendedora de fósforo e a leve a viver dignamente em algum lugar maravilhoso.

É um texto de leitura extremamente cativante, que leva o aluno a um envolvimento com a protagonista que chega a causar certo sofrimento, principalmente porque o leitor interpreta o texto e elabora sentidos, e a compreensão faz refletir sobre as realidades e o valor da figura humana. De acordo com Silva (2009, p. 131) “Qualquer tipo de leitura pode contribuir para a formação e o enriquecimento da bagagem cultura dos alunos, mas é a leitura literária que tem o maior poder de alargar seus horizontes”.

A literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada uma responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p.23)

Inicialmente, o texto nos remete a pequenez de um ser: uma criança, indefesa, sem diretos, nem recursos, pois vende exatamente, fósforo, algo aparentemente de pouco valor, o que causa sensação de descaso com os menores.

Faz-nos refletir e questionar: Qual o papel da criança para a sociedade atual? Será se estamos cuidando dos menores como deveríamos? O conto em análise nos remete a ideia de que o descaso para com os pequenos ultrapassa séculos. No percurso histórico e social da humanidade o indivíduo “criança”, nem sempre teve representatividade e direitos garantidos. O papel representado pela personagem nos mostra uma realidade bastante frequente, infelizmente essa descrição nos incita a pensar em todas as crianças abandonadas nas ruas dos grandes centros urbanos, sem moradia, com frio e fome, necessitadas de carinho e amparo.

É uma obra que retrata a atualidade, mesmo tendo sido publicada pela primeira vez em 1845 consegue dialogar com as diversas sociedades e épocas, causando sempre impacto e reflexão. Segundo Cosson (2014, p. 34), “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não”, dessa forma, ele faz uma distinção entre obras contemporâneas e obras atuais.

Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independente da época de sua escrita ou publicação. De modo que muitas obras contemporâneas nada representam para o leitor e obras vindas do passado são plenas de sentido para sua vida. (COSSON, 2014, p. 34)

O fato é que a criança representada no conto faz inferência a realidade de hoje. O abandono, a desestrutura familiar, as mazelas da sociedade são retratadas de modo explícito. O texto nos mostra uma personagem cheia de conflitos, o medo que abala, o frio que não passa, e a fome que consome, nos confirma que a literatura atua nos diferentes saberes, desde o psicológico, ao histórico e social, como Barthes enfatiza ao referir-se a forma da literatura “mathesis”. Dessa forma, Todorov (2009, p. 22) salienta que, “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”.

“A vendedora de fósforo” é um conto que nos possibilita o trabalho com uma literatura humanizadora, pois nos mostra a realidade de uma menina “sem nome”, fato este que nos faz questionar: Por que Andersen não

deu um nome para esta menina? Talvez porque a garota representa uma grande camada social desprovida de condições mínimas de sobrevivência.

Um bom texto literário é aquele que exige a parceria do leitor, é um jogo em que o leitor participa ativamente, ao contrário dos textos referenciais, diante dos quais ele assume o papel passivo de receptor de informações. São as chamadas entrelinhas que fazem a diferença entre o texto artístico e o referencial. (SILVA, 2009, p. 47)

O autor utiliza uma linguagem bastante descritiva e forte para descrever a personagem, com o intuito de mostrar a dimensão dos problemas sociais, da extrema pobreza que preponderava na época, fato que Hans Christian Andersen destacava muito bem nos seus escritos, pois buscava sempre mostrar os padrões de comportamentos de uma sociedade, no qual os menos favorecidos eram tratados de maneira inferior. No entanto, Andersen não abandona em seu discurso o lado da fantasia, do maravilhoso, fato que chama a atenção do leitor, pois apresenta os conflitos humanos de forma diferenciada, pelo viés da imaginação e da criatividade.

A linguagem artística, especialmente a literária, dá voz ao coletivo, ao universal. Na ficção, vemos retratado o drama de todos os homens, o que inclui o nosso próprio. Os limites da ficção são os da humanidade, não se circunscrevem a um determinado lugar ou indivíduo. Daí decorre também o seu caráter de exemplaridade. Diante da ficção literária, instala-se um curioso processo de identificação entre leitor e personagem, que não acontece diante da singularidade do fato real. (SILVA, 2009, p.71)

O texto se desenrola com a presença do fantástico, no qual ele utiliza o jogo das palavras, semioses, representado por algumas figuras de linguagem, como a hipérbole, presente na seguinte frase “O clarão dos fósforos tornou-se mais intenso que a luz do dia. Nunca a avó fora tão grande e bela!”. A personagem da avó é retratada como único sentimento de amor, por isso é vista como algo tão grandioso. Assim com, o eufemismo, para relatar a morte da vendedora de fósforo: “Ergueu a menina nos braços e as duas voaram, felizes, para as altura, onde não havia frio nem fome, nem apreensões. Voaram para junto de Deus...”. Linguagem estilizada e emocionante, com o intuito de cativar e envolver o leitor. Segundo Silva (2009, p. 131), “O texto literário se apoia na palavra, que é traduzida e visualizada pela imaginação do leitor. É na mente desse leitor que o signo verbal se torna concreto”.

Essa feição da linguagem literária, o seu teor conotativo, metafórico, constitui a sua dificuldade e a sua grandeza. Reconhecer o não dito, ou o sugerido via metáfora, é tarefa que mobiliza o leitor, que o põe em estado de alerta e que torna a leitura um processo eminentemente ativo. Ler as entreli-

nhas de um texto, desvendar suas intenções, descobrir o que está encoberto é tarefa instigante e prazerosa. (SILVA, 2009, p. 71)

Desenvolver atividades utilizando os textos considerados literários requer um trabalho com uma abordagem significativa, que consiga envolver o leitor, faça sentido e efetive os saberes e as práticas sociais adquiridas com a leitura, com as interpretações advindas do entendimento do texto, sem, com isso deixar de lado o gosto pela leitura e o prazer vivido com o desdobramento da obra. O letramento literário é uma forma de contribuição para o efetivo domínio da escrita e da leitura, trabalha com as linguagens e as transforma para assim atingir seu potencial de humanização.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada ao uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2014, p. 12)

A literatura tem o poder de envolvimento, o leitor passa a viver dentro de uma história, cria seus cenários e trabalha o comportamento da personagem, por isso se torna essencial esse encontro de texto literário com o sujeito. É uma atividade social, psicológica, emocional, cognitiva, geográfica e histórica.

Ler literatura, [...] é exercitar-se no difícil aprendizado democrático, pois força o leitor a entrar na pele de muitos personagens, sentir emoções diferentes, arrostar inúmeros perigos, conhecer diferentes paisagens, agir e reagir em conformidade com diversos perfis psicológicos. E a convivência democrática é isto, é conviver com diversidade, é respeitar o outro, é ser capaz de assumir outros ângulos de visão. A leitura para adultos, como o “faz de conta” das crianças, é um treinamento para a vida, é um aprendizado sutil: treinar um olhar crítico pela via da ficção é conhecer mais a fundo a natureza humana, um aprendizado essencial para cada um de nós. (SILVA, 2007, p. 47)

Roland Barthes ao versar das forças da literatura nos afirma que “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 2007, p. 21). Dessa forma, em relação à análise do referido texto, a menina, pode não ser apenas uma criança pequena, mas uma representação de uma forte realidade política vivida na época, ausência de infância, desestrutura familiar, falta de

moradia e reflexão, contado pelo viés da fantasia e a criação, por meio de um conto comovente e encantador.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland, *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio da França*, pronunciada dia 07 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.

CÂNDIDO, Antonio. *O direito à literatura. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades. 1995.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Narrativa infantil e juvenil atual. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

*A vendedora de fósforos*. Adaptação de Pedro Bandeira de um conto de Hans Christian Andersen. São Paulo: Moderna. Disponível em: <[www.biblioteca.pedrobandeira.com.br](http://www.biblioteca.pedrobandeira.com.br)>. Acesso em 26 de julho de 2018.